

Gustavo Henn

O Crime da Rua Zico



O Crime da Rua



edição comemorativa aos 5 anos de lançamento

Gustavo Henn

TEXTO DA CONTRACAPA

Escrevi *O Crime da Rua Zico* enfrentando o frio e a chuva. *Have you ever seen the rain?* Nele estão esperanças, frustrações, alegrias, a amizade e a solidão, e sonhos. Principalmente sonhos. Ao concluí-lo, passei a perseguir os meus mais de perto. Espero que, ao publicá-lo, possa ajudar os leitores a perseguirem os seus.

Gustavo Henn

TEXTO DA ORELHA

Os títulos iniciados com *O Crime*, *O Assassinato*, *O Caso*, propõem ao leitor um enredo conhecido: mistério e suspense preparam a trama até a descoberta final. Entretanto, em *O Crime da Rua Zico*, Gustavo Henn subverte os romances juvenis ao apresentar seus personagens sendo desvendados pelo crime, e não o contrário. Um texto rápido, vigoroso, com imagens sobrepostas em ritmo alucinante. Capítulos curtos de

parágrafos curtos com frases curtas – o que autor chama de “Literatura Fractal”. O leitor fica livre para escolher por onde enveredar. Em nenhum momento se percebe vontade do autor em conduzi-lo durante o percurso do livro – uma vez que a graça do labirinto é se perder. Quem se arrisca?

Antonio Vieira Barros Neto – Crítico Literário.

“Crescer é aprender a desconfiar do próximo”

Antonio

“A melhor chance de não agir como um garoto de quinze anos é quando não os tem mais.”

Nando

PREFÁCIO

Mas é que eu reli o seu livro essa semana e lembrei de fazer um comentário...(tá, tá, eu sei que já faz tempo que o livro saiu em 2002, mas eu só quis comentar agora :P) Eu nem te disse o que eu achei nem nada quando li da primeira vez e olhe que essa já deve ser a quarta ou quinta vez que eu leio...

Assim, eu queria te dizer o que eu pensei quando li.

Foi bom deixar para comentar agora porque posso fazer uma "análise" mais madura. Teu livro, Gu, é uma viagem. Viagem mesmo, lembro que acho que foi Raul, que falou que você deixava o leitor muito solto, perdido. Deixa mesmo. Mas isso não é ruim, pelo contrário, isso que me fascinou nessa última leitura e me fez te escrever isso. Cada vez que eu leio, uma história nova é criada. Cada vez que eu leio, novos personagens, novas personalidades encontro. Cada vez que eu

leio, momentos diferentes aparecem, tempos cronológicos se entrelaçam e fazem a maior confusão na minha cabeça.

Mas isso é o q torna seu livro o q ele é. Uma viagem.

É bom ficar perdido, é bom pensar, refletir, poxa, o que será que ele quis dizer com isso? As críticas sobre a adolescência, o vestibular, as aparências, a rebeldia (com e sem causa) parecem "costurar" o enredo daquele (ou daqueles?) menino que um dia foi ser professor para saber o que era poesia (ou será daquele q queria ser jornalista? ou daquele que queria a todo custo não ser militar?).

A gente fica sem saber se tudo se passa num momento, ou se deu um pulo no passado (flashback) ou no futuro (foresight - só sei o nome em inglês), de quem é que ta falando....

Isso é realmente fascinante...parece que vc escreveu esse livro para confirmar os teóricos de Lingüística que afirmam q a tríade autor-texto-leitor só se completa no momento da

leitura e mais, que o leitor é sempre co-autor do que lê. É assim que me sinto. Como se a cada leitura eu estivesse escrevendo o livro com você, porque as lacunas que você deixa sem explicação são preenchidas por mim, meus pensamentos, meus anseios, desejos, minhas experiências pessoais. Eu me sinto útil enquanto leitora. É isso, útil. Ativa. Não estou só decodificando signos e apreendendo significados, mas construindo sentidos com o que leio, o que penso, nas entrelinhas, no implícito...

Estou vivendo.

Taí a viagem do crime da rua Zico. Ah, muito legais as referências a Letras. E aos tempos da ditadura. Gostei. Gostei mesmo. Tu é fera Gu. De verdade.

Michele Costa

Apresentação da Segunda edição

Esta segunda edição deveria ter saído em 2007, por ocasião dos 5 anos de lançamento do original, em 17 de agosto de 2002. Preparei o livro, com o prefácio de Michele Costa, que nada mais é do que cópia do email gentil que recebi em 2005 e eu avisei que seria o prefácio da próxima edição.

O posfácio foi escrito por mim nesta mesma época e para fechar o livro acrescentei uma poesia escrita pelo amigo de longa data Dodô.

Esta edição traz também alguns trechos que foram cortados da primeira edição, não lembro por que motivos. Mas acho que agora podem ajudar a entender melhor alguns personagens. Por fim, procurei melhorar a diagramação do livro.

Espero que se divirtam.

“Os homens são sábios não pelo que lhes ensinam, mas por sua capacidade de negar o que lhes ensinam.”

(Millôr)

1

Agita-se. A psicóloga segue falando de adolescência, da juventude: todos os jovens são iguais. Todos os jovens de todos os jovens de todos os lugares são iguais. Todos os jovens de todos os lugares são iguais. Todos os jovens de todos os tempos são iguais. Que isto é típico da idade. Estes seus sonhos de ser músico, ser reconhecido. Enfim, sonho de mudar o mundo é típico da sua idade. Depois passa. Você envelhece e descobre-se só. Descobre que não conseguiu. Mas não liga. Já terá esquecido...

Nando faz um muxoxo, resmungo. Pede para deixá-lo falar.

- Doutora, é típico coisa de idade de idade nenhuma. Eu sou único. Entendeu? Único! Não fui feito em série, nem produzido em fôrma. Levanta-se e sai da sala exaltado. Entanto preocupa-se em não bater a porta. D. Josefa suspira: típico da idade! Acende um cigarro e acalma-se. Hora do almoço. O cigarro abre o apetite. É preciso abrir as janelas e ventilar a sala, para a fumaça não impregnar. Da janela vê Nando em passos apressados, aparentemente sem rumo, de repente parar, balançar a cabeça em negação e retornar ao colégio. Suspira novamente.
- Essa adolescência... Previsível. Traga e solta a fumaça pelo nariz. Diversão solitária de quem ajuda a todos menos a si mesmo.

A sirene anuncia o início do expediente da tarde. 13h05min. Acaso D. Josefa está sem alunos agendado, mas podem aparecer. Sempre aparecem mandados pelos professores, coordenadores. Decide espalhar 'bom ar' pelo ambiente.

Como aconselhar os estudantes a não fumarem sem dar exemplo? Ela respondeu ao diretor: não sou um bom exemplo, mas sou um bom aviso. Repetiu o Millôr. O diretor colocou-a para os ginásiais durante seis meses. Além de proibir cigarro no colégio. Principalmente entre os funcionários. Entre alguns outros limites. Mas os alunos gostam dela. Ou melhor(pior, segundo Nando) sentem-se compreendidos.

“Quer dizer que isso é normal, Doutora Josefa? Essa indignação que rasga meu peito ao ver um cheira-cola da minha idade levar tapa de policial. É normal? É normal também essa minha vontade de gritar a plenos pulmões que o mundo todo está uma droga e que eu quero e vou só por isso mudá-lo, é normal, Doutora? É típico da minha idade? Que bom, Doutora. Depois passa, né. Como uma doença, uma gripe. E eu vou ficar bom...”

E Nando seguiu imaginando a conversa dos colegas com Dra. Josefa. “Odeio aquela mulher”, ele pensava alto.

PRIMEIRO ANO DO MÉDIO. Os alunos do Santa Joana são divididos entre as salas. O critério é a nota. A média. Para separar o joio do trigo, diz a direção. Cada série possui três turmas: a, b e c. A média ao final do ano rege a sala para onde o aluno será mandado, de modo que os bons fiquem ao lado dos bons, os ruins dos ruins, e os medianos ao lado dos medianos. Competição em primeiro lugar. Não há grupos – só os de massa, onde todos são iguais. Érika sente-se só. Novamente está só. Aluna número um do Santa Joana. Sempre sala A . Poucos se aproximam dela. Ela desistiu de se chegar também. Os cds só querem aparecer ao seu lado. Tirar dúvidas. Tentar derrubá-la. Os outros não se mantêm na turma A por muito tempo. E, para não regredirem, mudam de colégio. Não aguentam o rebaixamento. Mas o ano letivo apenas inicia, embora o primeiro mês já se acabe amanhã, vinte e nove de fevereiro.

O PROFESSOR ENTRA NA SALA. Os alunos calam-se. Levantam-se. O professor pede pra que deixem disso. Não precisa. Ao menos para ele não precisa desse respeito derivado de medo.

- De agora em diante, nas minhas aulas, será assim: eu entro e dou bom dia. Vocês respondem em alto e uníssono: bom dia!

Avisou que iria sair e entrar novamente para ver se aprenderam. Mauro Fontes, professor de matemática, que se apresentava para o primeiro ano A.

10H05MIN. Toca a sirene do recreio. Os professores, porém, terminam a aula um pouco antes. Para evitar a euforia dos alunos. E em alguns momentos a deles próprios, que sequer têm tempo para um café. Elízio, no entanto, continua a aula. Às vezes, inicia assunto novo ao término do alarme. Ensina gramática e redação. A gramática portuguesa. O domínio da gramática portuguesa.

Resolve liberar a turma. Até o professor Elízio sente fome, cochicham uns alunos no fim da sala. Fome e necessidade de fumar.

Aos alunos recém-chegados ao médio, causa medo. Pois tornou-se um mito no Santa Joana. É o único professor(o Mauro também, agora) a dar aulas sem auxílio de livros, anotações. Só com o que está na mente. E gosta de escrever no quadro. Engraçado, no quadro usa a mão esquerda, la sinistra. No papel, a direita. Exigente. Muito exigente. Dizem que no primeiro colégio que ensinou levou um tiro de um aluno.

Realmente, no seu braço direito existe a marca. Ele, Elízio, desconversa. Nem confirma, nem desmente. Deixa contarem. Faz bem. Alastra a fama.

Antonio deixa o caderno aberto no exercício recém respondido. Elízio ainda apaga o quadro quando Antonio o indaga:

- “Ao mestre, com carinho” é um tema muito piegas para um professor com a fama que você tem.

Se a crítica viesse do coordenador, de outro professor ou de um exegeta, seria retribuída aos berros. Violentamente. Mas vinda de uma mente de quinze anos é piada ou precocidade. Elízio continua apagando o quadro, indiferente. Ao terminar, vira-se para Antonio – este compenetrado – e diz: “foi apenas uma opção para vocês. Quando recebo os alunos sou assim. Tento impor meu ritmo. Começo devagar, entende?” Deixa formar-se em seu rosto um sorriso de sarcasmo, atitude que inflama Antonio.

- Quer dizer que sou burro?! Repetiu mais gravemente quase agredindo: sou burro?! E saiu da sala.

Elízio ficou atônito. Sem reação. Dirigiu-se à cadeira de Antônio. Corrigiu sua redação “Ao mestre, com carinho”. Gostou. Melhorasse a pontuação e enxuga-se um pouco mais seria preciso. Mas argumenta com talento. Ousa.

Elízio corrige de caneta vermelha a pontuação, a ortografia. No final da página escreve: “o velho que não ensina e o jovem que não aprende todos dois são burros.” Rubricou e retirou-se da sala. Antes, porém, pôs um cigarro na boca.

“O meu lado sonhador é o que me faz temer, é o que me faz sofrer. Mas o
é o que eu nunca quero perder.” (Mônica Franco)”

2

Durante o recreio os alunos conversam, paqueram, batem pelada, jogam trunfo, lancham... divertem-se. Marcos Viana não. Está sempre emburrado. Ao menos parece, e só isso já distancia todos dele. Tratam-no bem, cumprimentam-no. Um pouco de respeito, um pouco de medo do desconhecido. Mas ficar companheiro dele, não. Ninguém. E estando só, imagina mundos. Personagens, reis corruptos e rainhas fogosas, bobos da corte amargurados, mosqueteiros desleais, camponeses submissos. Um mundo perfeito para a chegada de heróis. Em outro, queria transformar um piloto de nave espacial em um sedento caçador de humanos desertores

da terra pós-máquinas, hipócrita e traidor. E uma tripulação cheia de problemas e desavenças pessoais entre si. Justo o mais discriminado seria o sobrevivente de um ataque alienígena e reconstruiria a raça humana em outro planeta ...

O PROFESSOR RETORNA DO RECREIO COLOCANDO OS ALUNOS PRA DENTRO DA SALA. À porta, joga fora o cigarro enquanto termina o café. Era Mauro Fontes, professor de matemática, nos preparativos para mais uma aula. Os alunos continuam espantando-se com os métodos didáticos de Mauro, inclusive com os que vão de encontro com a filosofia do Santa Joana. Não há indiferença. Mas qual o aluno que consegue ficar alheio a um professor que criou uma oração para si?

“Mestre Mauro que estás em sala, santificada seja sua aula, de álgebra como de geometria. A matéria nova de cada dia nos

daí hoje. Perdoai nossas faltas assim como nós perdoamos os vossos teoremas. Não nos deixeis cair em recuperação, mas livrai-nos da reprovação, amém.”

Mauro fecha a porta com chave e pergunta o que os alunos farão quando o incêndio começar. Algazarra total. Gritos. Mauro pede calma, por favor, calma. Diz que o incêndio é provar isso: dois e dois são cinco. – cinco? Professor, eu tenho então cinco dedos na mão esquerda? – era Anderson nove dedos querendo ter de volta o mindinho perdido na porta de um carro. Ele fazia duas duplas de dedos na mão esquerdo.

- Calma, Anderson. Eu vou pôr no quadro agora. Por favor não copiem. Prestem bastante atenção.

E Mauro iniciou os seus contorcionismos numéricos para provar sua teoria. Mexe números, cita Aristóteles, Pitágoras, Mauro Fontes. Mantém a atenção da turma. Pouco antes do resultado final, ele grita: é tudo mentira! Dois e dois são quatro. A turma cai na gargalhada. Algumas garotas começam a suspirar pelo professor. Enfim, o primeiro ano C

já está ganho. Os trinta piores alunos da série se interessarão pelas aulas de Mauro Fontes. Anderson nove dedos, Ana Machado, Hamilton, João Sujo, Rita Correlate têm a chance de aprender a gostar da matemática. Restam os outros primeiros anos, descrentes demais para se deixarem levar na conversa do 'dois e dois: cinco'. Embora se divirtam com a oração "Mestre Mauro".

12H45MIN. Fim de expediente. Nando abandona o seu lugar na 'geral', como diz o Mestre Mauro, e sai da sala. Hesita, porém, trocar olhares com os colegas de turma. Olham-no com pena, com raiva, desprezo. Alguns também com inveja. Da inteligência e da coragem de Nando. Embora o preço de mostrá-las seja ir para o SOE, conversar com a psicóloga. Haverá preço mais caro do que ser discriminado? Ganhar um rótulo?

Ao passar pela porta acelera o passo. Não deseja mesmo falar com ninguém. Ser reconhecido; admirado; comentado. Mas não se arrepende de ter corrigido o inglês da professora. A professora. Uma senhora já esquecida, fundadora do Santa Joana nos setenta, não admite manifestações de nenhum tipo por parte dos alunos. Ensina literatura. Nando orgulha-se de conseguir provocar a professora. Children já é plural, não tem 's' no final. E Gregório de Matos é dos grandes.

Ao sair da sala, tenta se ver recitando a ' décima para uma freira ', do Gregório, para a professora.

D. JOSEFA RECEBE UM SUSTO AO NOTÁ-LO ESCONDIDO ENTRE AS ALMOFADAS DO CONSULTÓRIO. O garoto devia ter passado a noite inteira ali. Mas dormia ainda o safado. Nunca o tinha visto, mas era aluno sim, estava fardado. 'Deve ser sétima ou oitava' , ela presumia. Faltam quinze minutos para a sirene da manhã, é melhor acordá-lo. Ou não. Talvez ele seja da tarde. Que durma! Se conseguir depois que a sirene tocar.

Desiste do garoto. Preocupa-se em saber como aquele moleque entrou e o motivo. Psicólogos dizem que entendem, mas não entendem sem saber o motivo. A mesa de trabalho

permanece intocada, tudo em seu devido lugar. Computador normal também. Bolinha do mouse...

- Ah, esses garotos de hoje têm computador em casa. E nem jogam mais bola de gude.

... a estante de troféus e diplomas intacta. A estante dos livros...

Os livros espalhados entre as prateleiras – nenhum no chão – desarrumados, fora do lugar. Remexidos. Apenas os de psicologia conservam uma certa ordem. Os de literatura parecem ter sido devorados. A coleção de ouro do Machado, os encadernados de Bandeira, os de Drummond, os de Lima Barreto, os de Jorge Amado.

- A senhora já leu todos ou é só enfeite?

Dra. Josefa assusta-se novamente mas não pensa reclamar. Afinal foi tratada como senhora.

Já li todos. Só compro depois que leio. E depois leio de novo.

Antes do aluno ponderar recebeu uma saraivada de perguntas. De qual é o seu nome? até que danado você faz aqui?

Meu nome é Antonio. ANTONIO. Não me chame de toninho. Só Antonio e sem acento. E sou do primeiro B. Moro aqui na frente do colégio. Aquela casa mesmo, a verde. Entrei aqui pois queria um livro diferente para ler. Os de meus pais já li todos. Eu queria um livro proibido pra ler. Mas a senhora só tem livro santo. Deve ter começado minha aula. Meu rosto está muito amassado?

Dra. Josefa deixou-o ir. Fazer o que? Então quer dizer que os alunos querem ler? Que ainda descubrem coisas novas nos livros? Ao menos este Antonio busca algo novo. Engraçado, ele falou em tom de quem já sabe o conteúdo desses livros. Engraçado.

Abriu a agenda e confirmou a programação do dia. 10h05 min tem uma conversa com o Nando. Mais uma, era só o que faltava. Passar o recreio na psicóloga. Só o Nando!



“Algumas vezes o silêncio pode ser como um trovão”

(Bob Dylan)

3

9:00hs. Nando, cabisbaixo, rascunha umas palavras ilegíveis em sua prancheta. Quem garante serem mesmo palavras? Talvez apenas hábito. Nando tenta concentrar-se, escrever o ocorrido, transpor para o papel o sentimento da perda. Mas cabe a morte de alguém num papel? Seria necessário descrever cada face presente ao velório. De repente irrita-se, rasga a folha rabiscada e o o ridículo crachá “imprensa”. Não haverá cobertura, decide. Dirigi-se ao corpo imóvel, inerte, incapaz de reação. Rosto intacto. O professor até ontem vivo, dando aula, brincando. Fez até o que nunca

fez: flores para as alunas, que foi dia da mulher. 8 de março. Mas ninguém sabia que ele estava apenas despedindo-se da vida.

Nando afaga-lhe o rosto. Faz gesto de quem vai abrir-lhe os olhos. Desiste. É tarde. Está morto. Afasta-se, busca a solidão, atira ao longe a caneta. Esquece a prancheta em alguma cadeira. Cumprimenta com um olhar os familiares do professor morto. Pára. Olha em volta, mas olhar distante. Decide ir para a tamarineira que não dá frutos. Enxuga o suor e as lágrimas na manga da camisa.

A NOTÍCIA ABALOU. Quem diria que o Sr. Diretor esteve envolvido com a ditadura? Um militar reformado.

O Santa Joana já apareceu grande na sociedade. Apareceu com nome. E hoje, o diário do estado denuncia o Sr. Diretor Joel Marcelo dos Santos, o Cel. Marcelo, como torturador. Que mundo! Justo o homem! O cidadão honrado, ministro da eucaristia. Um ex-torturador. Se isso existir. Ex-papa, por exemplo, não existe. O professor Márcio, do primeiro grau, pediu demissão assim que surgiram os boatos. Tem o pai paraplégico até hoje devido a intermináveis sessões de tortura. Um tio desaparecido.

Celeste é permitido de entrar, os terceiro anistas não podem perder aulas. Ordem do coordenador Alberto. Haja o que houver. Os outros professores ficam do lado de fora. Dr. Joel em reunião com seus advogados e assessores. No terceiro A, Elízio conta dos livros proibidos escondidos na parede pelo pai. Na turma de saúde, biologia. Na de exatas, Mauro ensina física. Nas humanas, geografia política.

Celeste tenta se decidir. Mauro ou Elízio. Indecisão. Opta por física, números. O melhor é esquecer isso tudo, poderia sobrar para ele mesmo, que é filho de general. E se hoje é general, trinta anos atrás era tenente ou capitão, agia no “teatro”. Mas nunca teve coragem de perguntar ao pai qualquer coisa. Nem aos dois irmãos mais velhos, ambos cadetes do exército. Academia Militar das Agulhas Negras. Para o pai, ele, Celeste, é um perdido, um civil. Celeste não quer nem mesmo servir. Quer continuar civil e não-voluntário. Teme que o pai o obrigue. E todas essas imagens aparecem de repente, endurecendo a vida. Quer ser advogado, defender quem precisa. Quando a idade chegar, juiz. Optar pelos desvalidos. Sonha, Celeste! Mas quem mandou o pai se separar da mãe, Ter uma recaída, e engravidar a mãe de Celeste ? Mulher de militar sofre, a mãe de Celeste então...

Prof. Mauro ensinava sua “matemática de padaria para principiantes”. Um nome longo para reavivar contas simples com as quatro operações. Olha para o galego alto, olhos fitos no quadro:

- Celeste, entre!

Esquecer, professor, esquecer. Só isso do senhor: me faça esquecer.

4

Chove. Não chove. Se chove, não molha. Se molha não resfria. Se resfria, não gripa. Se gripa, não morre. Se morre, vai pro céu que o céu é de Deus. E se é Dele, está-se em casa.

Procurar coisas bonitas para dizer num dia de chuva é assim: acaba em morte. E tudo no mundo acaba em morte. Mas acaba mesmo? Ou apenas continua? Ou voltamos para esta terra mesmo, de onde nunca sairemos? Isso explica o suicídio? O suicídio é solução? Quem crê em Deus se suicida? Quem é ateu não? Quem é espírita se mata? João da feira esfaqueou o filho de um ano e depois cortou a própria garganta. Ficou agonizando. Um vizinho auxiliar de enfermagem o salvou. Vai descobrir o inferno mais cedo na terra. E depois de tudo, de sofrer tudo, ele irá para o céu ou de

volta ao inferno? O inferno fará dele alguém melhor? E se fizer, será melhor para quem?



BARULHO DE VENTANIA. Corujas voam. Morcegos se debatem contra muros, postes e árvores. Então um tiro rompe a noite. Mais um. Um corpo estendido no chão. Velho Brito morto. Anoitecia ainda e Velho Brito morto. Dois tiros. De onde vieram ninguém sabe, ninguém viu. Rua Silva Pontes. Velho Brito morto.

5

10:25. A sirene toca. Antonio solta a lata de refrigerante no chão da quadra já vazia. Depois pondera, olha a lata solitária em meio a imensidão da quadra e resolve tirá-la daquele isolamento. Joga-a no lixo. Antes, porém, prefere arriscar o gol. E nota, por detrás das redes, uma leitora em outro mundo. Quem neste colégio perdeu o recreio lendo a ponto de se esquecer da aula. E, que leitora será essa? Mas nem o barulho do chute na lata e a euforia do gol marcado distraem a leitora. Antonio decide registrar aquela cena. Saca do bolso uma cédula e uma caneta. Escreve: “sob a sombra da tamarineira que não dá frutos a moça lê, impávida, histórias sobre a vida.”. Dali mesmo observa Luciano Coxinha, coordenador de pátio do terceiro ano, chamá-la para a aula. Está longe, não consegue definir o rosto. Apenas as curvas e o

cabelo. Loiro e longo. Talvez a Érika. Mas Érika lendo? Descobrir não vai ser fácil. Justo no terceiro do Santa Joana, o colégio mais burguês do ocidente?

Maior curiosidade é descobrir o livro que a prendeu todo esse tempo. O título, o autor. Era um livro fora do padrão. Mais retangular impossível. Lembra os livros que ele Antonio lia na infância, bem coloridos. Lembra também do primeiro livro que escreveu “ três dias de cama.” Quando aproveitou as últimas folhas do caderno para escrever sobre o que fazem seus pais, seu irmão e seu melhor amigo, Marcos, sem Antonio por perto. Tinha catorze anos quase quinze e estava com pneumonia, gripe, febre e todas as doenças adquiridas sob a noite a chuva e o sereno, bêbado e tragando cigarros. Quando terminou arrancou as folhas, grampeou-as e guardou sem Ter lido. Desde então passou a ler todos os livros que vê. Machado, Azevedo. Mas se identificou com Graciliano: Angústia. No entanto, ainda não se sente capaz de ler este livro. Angústia. Dá só de olhar.

D. JOSEFA METE AS DUAS MÃOS NOS CABELOS.

Enrosca-os entre os dez dedos. Mexe. Bagunça. Procura um espelho na bolsa. Não encontra. Olha-se no retrovisor central do carro. Penteia-se. Ainda permanecem as palavras de Nando. A força das palavras de Nando. Não deviam, pois já está acostumada. Ou ao menos deveria estar. De qualquer forma, permanecem vivas em sua mente. Talvez por tê-las lido e não escutado. Mas quem mandou pedir pro Nando escrever. Ora, se ele não conseguia falar que escrevesse. Não podia era segurar mais aquilo. Mas em que diabo de faculdade aprendeu essa técnica de mandar o paciente escrever? Se isso realmente existe como técnica psicológica.

Volta a chacoalhar os cabelos, rodar a cabeça, bufar de raiva de si mesma. Que espécie de psicóloga é você? Como pode ficar impressionada com o milésimo caso de violência domiciliar narrado por um garoto de dezesseis anos? Tire férias. Você precisa de férias.

Não há condições nervosas de guiar um carro. Ainda mais no trânsito do Recife. Nenhuma chance. Desiste e desce do carro. Entra novamente no Santa Joana, movimentado à noite, pois aluga algumas salas a uma Faculdade particular. Encontra o SOE. Seu consultório. Busca um espelho. Quer uma psicóloga. Uma ajuda. Abre a porta. Senta-se no chão entre as almofadas. Olha em volta. Sente-se presa. Afoba-se, o calor em si é mais intenso. Abre as janelas, liga os ventiladores. O vento passa a circular abrandando um pouco a quentura. O fogo de dentro de seu corpo a faz suar. Vertigem. Rápidos apagões na vista. Cegueira momentânea. Senta-se. Procura um papel, alguma anotação pra ler. Nada encontra. As gavetas trancadas. O arquivo trancado. O armário-estante trancado. O corpo já não transpira, embora a sensação de febre. Apenas febre. Sem as alucinações comuns em quem se defronta com o próprio passado. Busca de uma caneta, vai escrever. Vira a palma da mão esquerda. Escreve: treze anos. Assim, por extenso. Depois, logo abaixo, completa:

15/04/1963. Uma data. Súbito, aproveita a tinta ainda úmida e esfrega as mãos uma contra a outra. A caneta no meio, como se torturada para escrever o resto que sabe.

6

“ O Santa joana está mudado. Definitivamente. E muito. Os alunos ainda se levantam na entrada do professor. Mas não o respeitam, o que prova a hipocrisia de vocês, alunos, na atitude anterior. Os professores parecem palhaços, assim mesmo, p p p. Aliteração. Igual poesia de jornalista. Ficam inventando fórmulas para o aluno decorar mais fácil e apapagaiam-se para chamar a atenção da turma. Há uns cinco anos era diferente. Os alunos aprendiam para a vida. Mas aí apareceu o GEA com seus professores renomados e métodos decorebas para aprovação no vestibular. A do Santa Joana inclusive só faz cair ano a ano. Nossos melhores alunos nos traíram para receber a bolsa do GEA e de outros colégios curso que se instalaram nas redondezas.

É, o Santa Joana não é mais o mesmo. Nem voltará a ser. Sequer exame de admissão realiza mais. Entra quem quer e sai quando quer. Basta Ter idade e poder pagar. E quando notar que vai ser reprovado que mude para um colégio pagou passou.”

O professor Antonio Candido continuaria seu discurso se a emoção deixasse. Porém, os olhos umedeceram, o coração acelerou e por uns instantes precisou ficar sentado, camisa frouxa, abanando-se. Por uns instantes o Santa Joana pensou que perderia o Toninho, aquele moleque gordo pentacampeão dos jogos estaduais. Que sempre estudou no Santa Joana. E ensinando no Santa Joana antes mesmo de se formar em medicina. Gostou tanto de ensinar que esqueceu do sonho de um dia ser cardiologista. Antonio Candido morreu hoje. Não de emoção como quase aconteceu naquele discurso, mas de assalto. Roubaram seu carro, seu celular, seus pertences, rodaram duas horas com ele sacando de caixa em caixa. Ao fim de tudo, atiraram em seu coração, friamente. E o bandido

ainda disse que não atirou na cabeça para não espirrar sangue no carro...

Desculpem-me relatar assim para vocês, foi a única forma que encontrei. O velório estará iniciado a partir das dez horas na quadra coberta. O enterro será ao meio dia. As aulas estão suspensas a partir de agora. Exceto para o terceiro ano.

Foi só o Coordenador Alberto terminar e o choro reinou. Alguns choravam, outros pediam para ir ao velório desde já. Mas agora ainda haveria aula. Os terceiro anistas só poderiam ir ao enterro. Antonio não aceita. Levanta-se e sai da sala. Não dá ouvidos ao diretor. Não há mais D. Josefa para conversar. Não há fuga. Mas como? Que desconsolo é esse de perder um mestre? Nem lágrimas caem de tanto ódio, deixando o olhar trêmulo, desprotegido. Essas lágrimas que relutam em cair para manter o homem. Homem que é homem não chora. Mas vontade agora sobra, falta coragem. Antonio refugia-se à sombra da tamarineira atrás da quadra. A árvore que não dá frutos, é verdade, mas sua sombra é o bálsamo procurado por Antonio como refúgio. E em seu refúgio todo

homem chora. Senta-se e levanta o olhar por um momento. Nota que seus colegas de sala fizeram o mesmo. Buscam refúgio.

Na sala ficou apenas Nando. Ele escreve entre lágrimas umas palavras desconexas, sem comunicação aparente, mas que dispostas racionalmente diriam apenas tristeza. A preocupação de fazer a cobertura do enterro. Divulgar a morte. Entrevistar até o assassino, se possível o juiz e familiares da vítima. Transpor para o papel toda a ira contra o mundo. Servirá de consolo ou, se não isso, aliviaria um pouco. Antonio que pense o que quiser.

SOBRE A TAMARINEIRA QUE NÃO SÓ DÁ SOMBRA, Antonio chora. Sem soluçar, apenas permitindo que as lágrimas de caírem. Chora. Olhos úmidos voltados para o chão, sem querer acreditar na morte do professor. Rosto

entre os joelhos(os joelhos levantados sustentem o rosto que tenta precipitar-se contra o solo.Um assalto. Há forma mais barata de se morrer?) Concentrava-se tanto em seu pensamento sobre a fragilidade da vida que não percebeu Nando sentar-se ao seu lado. 12:00. Sem forças de acompanhar o enterro. O velório já foi despedida suficiente. Por que prolongar a dor da despedida? Está morto. Morto. Nando ao seu lado apenas escreve as cenas que vê. Tenta por no papel o sentimento das pessoas. O sentimento da morte nas pessoas. De cada pessoa. Desolação pra descrever Antonio. Desolação. Antonio ignora totalmente as anotações de Nando. Na verdade, ignora Nando. Apenas entrega-se às lágrimas e ao ódio – agora o fazendo soluçar – e repetindo baixinho vingança, vingança, vingança. Entre lágrimas e ódio, desolação e soluços: vingança. Ergue a cabeça, enxuga os olhos com as costas da mão, depois compelta com o dedo indicador. Balança a cabeça em negação. Percebe Nando escrevendo ao seu lado. Pensa em gritar pra que o deixe só. Mas Nando se importaria. Toma-lhe então a caneta e o papel num susto.

Escreve: vingança! Devolve-os. De pronto, levanta-se e parte. Nando não deu palavra. Falar o que? Estava sensível. Vingança. Contra quem, o que? Foi um assalto seguido de morte. Os matadores estão presos. Vão morrer também violentamente. Se não no presídio, nas ruas. Ou talvez já estejam mortos pelas mãos dos policiais. Mas e daí? Ressuscitará alguém? A vida roubada será devolvida, trocada pela do assassino?

7

O simulado não vale nota para a caderneta. Existe apenas para o colégio Ter noção de quem provavelmente passará no vestibular, de quem está fraco. É para controle. Os alunos acham necessário fazê-lo. É um treino. Todo curso que se preze faz simulados periodicamente, alguns oferecem prêmios aos primeiros lugares. Um jornal promove o mais famoso, realizado dois meses antes do vestibular das federais e dá um carro e vários celulares, além de assinaturas e outros brindes. Simulado é marketing, venda. Pop fenômeno. Até disso tiram proveito. Do desespero dos vestibulandos. O sujeito paga a inscrição do vestibular para fazer publicidade. Todos são ao mesmo tempo consumidores e outdoors. A propaganda apenas os faz descobrir de quê. Mas pagar para

fazer publicidade é o cúmulo. É o que acontece nas micaretas carnavais fora de época e todas essas festas de camisa-ingresso. Paga-se uma pequena fortuna para trajar uma camisa que de tantos anunciantes parece um carro de F 1. Por isso Celeste não gosta de sair muito, só se for de graça. Não gosta de fazer simulado, quando os faz chega a errar questões de propósito para não ser dos primeiros colocados. Não gosta de fazer parte da cadeia de consumo. Chegou a discutir com Dir. Joel uma vez, na inscrição do vestibular. Disse que se colocarem o nome dele no jornal, conta tudo o que sabe. “E o que você sabe, rapaz?” “Sei sobre o senhor!” “Garoto ingrato. O Santa Joana fez de você o que é. O melhor. Eu sou só o diretor, o dono. E saia da minha frente!” Cel. Marcelo, ou melhor, Dir. Joel é assim: quando não tem argumentos, agride. Manda ir embora. Mas Celeste mantém aquela palavra viva: ingrato. É verdade. A vida toda no Santa Joana. O melhor aluno do colégio. A relação é forte, talvez agora que está no fim se torne mais ainda. E na hora de retornar de alguma forma esse amor

doado, ingratidão. Mil vezes odiar a Ter que ser ingrato. E o primeiro lugar do vestibular será dele Celeste, sim. Pelo menos da licenciatura em matemática. E por que não deixar o Santa Joana usá-lo? Também seria uma homenagem, uma forma de deixar o colégio orgulhoso de seu pupilo. Um parabéns. E isso ele merece. O Santa Joana merece.

FÉRIAS DE MEIO DE ANO. Aula somente para os vestibulandos. Haverá no dia 30 simuladão Santa Joana, os três primeiros levam DVDs para casa. A tecnologia do momento. Por ser aberto a todos, Diretor Joel espera recuperar o prestígio do colégio, abalado pelo tempo e pelos jornais. Para poder enfrentar os cursinhos , teve de se desarmar, abrir mão dos testes de admissão, contratar professores com nome na praça e aceitá-los em exigências

excentricidades. O cigarro voltou ao Santa Joana com os professores. Elízio, Mauro, Tomáz, Isabel, Lívio. Todos viciados em nicotina e cafeína. E em trabalho. Dra. Josefa também. Professor Sena, de inglês, abandonou depois de descobrir o câncer. Fez cirurgia. Livrou-se. Está bem, por enquanto.

Diretor Joel violentou-se. Mas o simulado pode recompensá-lo. Outdoors por toda a cidade, a maioria no centro, em frente aos grandes cursinhos. Inscrições custam três quilos de alimentos não perecíveis, serão doados ao Hospital do Câncer. Dia 30 de julho. Três DVDs e outros prêmios para os melhores classificados.

- ISSO É APENAS UM PALIATIVO. Como tudo em nossa cultura.

Um paliativo, uma medida apenas para abrandar o caos. Enrolação no fim das contas. Esse negócio de provão é embromação. O vestibular é forte e não vai acabar nem tão cedo. Então estudem.

Aula encerrada. A resposta do professor Antonio Candido foi um susto. Embora não obrigasse ninguém a concordar ou não com sua opinião. Mas acreditar no provão é acreditar em uma chance a mais de passar no vestibular. Tudo bem, não deixa de ser também um vestibular. Mas a pressão é menor, não é o massacre psicológico que é o vestibular. E ajudar, ajuda. E o professor Antonio Candido, surpreendentemente, continua a favor do vestibular, mesmo sendo contra os cursinhos exclusivos para ele.

Érika é a primeira pessoa a se levantar, ainda nervosa, ainda sem saber o motivo, vai tomar água no bebedouro. O grande professor mostrou-se um homem conservador. Que decepção! O horário agora é para química. Paulo Couto. Só exercícios de vestibulares passados. A mesma apostila do

cusrsinho Paulo Couto... Os alunos pagando para fazer propaganda. Mas é isso: todos se vendem. E os professores são gente também. Ou quando se paga uma fortuna para 'pular' numa micareta o que se recebe em troca? A banda diz onde se vende o último disco, onde quando será o próximo show, o vocalista agradece aos zilhões de patrocinadores(que por sua vez já estão estampados nos abadás e por mais cortes que se faça não é permitido tirá-los e há quem diga :os patrocinadores diminuem o preço do evento...)

De repente, Antonio Candido entra na sala, pede licença ao prof. Couto para ler um trecho de um artigo de jornal. Érika já começa a imaginar o texto. Os outros alunos ficam mudos na expectativa. O professor tosse um pouco, para limpar a voz. Um pouco por hábito, um pouco para alertar os desavisados.

“Quando as folhas do próximo outono caírem, lembrem-se de mim. Pois fui verde também como elas. Preso igual a elas. Até que fio de vida verdejante secou e eu me libertei para ser levado pelo vento...”

Palmas. Ouve-se batuque nas cadeiras. Os estudantes batem com as mãos, fazem reco-reco no caderno. Fuzarca geral. Paulo Couto aplaude também.

Candido então se manifesta, pede a atenção de todos.

- O texto completo está na nova edição do 'Ovelha Negra'. Acabei de receber e não pude deixá-lo de ler para vocês. – Fala emocionado. Então despede-se, agradece e pede desculpas por interromper a aula. Sai da sala ovacionado.

Érika suspira. Aquele homem continua o mesmo. Capaz de fazer seus olhos brilharem.

8

Sozinho. Só novamente. Entre todos e entre ninguém. Recreio no Santa Joana. Vontade até de falar, trocar alguma idéia. Mas cadê coragem? E também eles são frouxos que não se aproximam. E mais um isolado no mundo. Mais um para passar a vida na tentativa de se abrir.

O pátio da cantina nesta hora é sempre cheio. Mesmo depois da liberação das carrocinhas de hotdog a um real. Os alunos procuram higiene, ainda que pagando mais. Comer o que é caro. Pois sendo caro, acostumando-se ao caro, lutará com mais armas(entre elas a deslealdade) para manter o padrão herdado dos pais. E quiçá aumentá-lo, pois não? Pão de queijo, coxinha, hamburger, cachorro quente, empada, pastel. Variedade. O aluno do Santa Joana tem opção. Os que não vão lanchar, ficam na área livre. Uns jogam bola na

quadra. Outros paqueram, trocam figurinha, tocam violão sob a sombra das árvores. A preferida é um tamarineiro enorme que estranhamente não dá frutos. Mas abriga rodas de colegas sob suas folhas, oferecendo sombra para todos. Vez por outra, um mais afoito sobe para sentir-se criança. Logo vem Seu Zé, fiscal de pátio, pedir para que desça que é perigoso.

- Menino, tu cai!

A igreja também fica aberta. O padre, porém, não tem visitas. Quase não as recebe. Mas não reclama, é sua primeira oportunidade num colégio, junto aos mais jovens. Promete mudanças. Já iniciou os contatos para a reestruturação do núcleo jovem. Só contatos. Sexta-feira, na missa, fará o apelo.

Marcos Viana continua seu passeio pelo colégio, imaginando a razão de ser de cada espaço físico do colégio. A quadra, o pátio, a igreja. Há os corredores também, certamente cheios de alunos. Que o que o Santa Joana mais tem é aluno. E as salas também, como em um espaço mais reservado. Mas ainda é pouco perto do que podia ser. O

auditório e o ginásio só abrem para eventos. A sala de multimídia é apenas para aulas. E a biblioteca desde a morte de D. Carminha, está fechada. E já se vão dez anos. Contentam-se com pouco. Pão e circo novamente para dominar a massa. O garoto pára em frente ao bebedouro. Reflete um pouco. Curva-se. Bebe água. Gelada. Deixa molhar o pescoço pela nuca. A água cai diante de seus olhos num espetáculo de cores proporcionado pelo sol. Choque térmico. O sol dilata os vasos capilares, então faz mal molhar a cabeça depois de levar sol por muito tempo. Levanta o corpo num susto. A vista escurece, cambaleia um pouco. Equilibra-se apoiando-se na parede. Fecha os olhos. Sorri. Em alguns instantes vislumbrou um estado diferente de espírito. Nem quando fumou maconha a primeira vez sentiu-se assim, solto para pensar.

9

Joel. Diretor Joel. Outrora Capitão Marcelo. O mesmo homem no comando do Santa Joana nestes trinta anos. Sendo julgado por crimes de tortura. Tortura nunca mais. Trinta anos dedicados à educação da juventude. Mas quantos jovens mandou ao pau-de-arara? Na sua ficha consta desistência. Pediu para ser reformado. Capitão, trinta e dois anos, reformado para fundar um colégio. Deu o nome da Santa preferida da mãe: Santa Joana. Auge da ditadura, 1970. Brasil campeão do mundo. Brasil, ame-o ou deixe-o . Com brasileiro não há quem possa. E um capitão é reformado sem represálias. Justo o contrário, vários oficiais colocaram seus filhos para estudar no Santa Joana, num claro apoio à decisão do irmão de arma. E este ano, 2001, todas essas informações voltam para acertar as contas. A imprensa não perde tempo, divulga em primeira página as ações do Cap. Marcelo.

Entrevista familiares de torturados e supostos torturados.
Maldita imprensa. Malditos jornalistas. Mentem sempre. E
agora até no Santa Joana tem um jornal, Ovelha Negra é o
nome. Sugestivo. Recursos dos alunos. Feito por eles.
Consumido por eles.

10

Érika mais uma vez é primeira da turma. Comemora, claro. Todos felicitam-na, congratulam-na. Enchem o saco, isto sim. Nem importa tanto. O vestibular já se aproxima e o colégio que a viu em todos os momentos vai perdê-la para o mundo. Mas é pra isso que criam-se filhos, para dá-los ao mundo. Para este mundo de Deus onde muitos morrem de fome e ignorância. Aqui no Brasil mais por ignorância. É apenas a primeira unidade, ela sabe. Ainda restam mais três e os incessantes simulados para o vestibular. Sem contar o vestibular para direito na Federal. Mais de trinta pra uma vaga é expectativa deste ano. O vestibular é que nem campeonato estadual e carnaval, tem todo ano. Que não inventem de dizer isso para ela.

O professor convida-a para a frente da turma, procedimento padrão. Entrega-lhe o diploma. Discorre alguns instantes sobre a importância de ser o melhor – e repete: ser o melhor – neste mundo competitivo onde se há lei é a lei do cão. Deixa a palavra com a homenageada, que – Érika adora isso – repete as palavras do pai: Pouco importa a Deus quanto conhecimento se tenha adquirido, interessa quanto você transformou. Dito isto ela pede permissão para retornar ao assento respectivo. O professor fala mais um pouco sobre competitividade e disputa e importância de ser alguém na vida e do vestibular que se aproxima e da escolha profissional...

“Quem confunde liberdade de pensamento com liberdade é porquê nunca pensou em nada.” (Millôr)

11

A direção colocou-se à disposição. Ninguém respondeu pelo jornal. Desprezo pelo dinheiro do colégio.

- Ora, não estamos à venda. Jornal patrocinado é manipulado! Disse Nando, irado, ao ouvir a proposta do Dir. Marcelo. Bem não sabe das reais intensões no jornal. Ainda mais agora, com a imprensa de verdade dando em cima.

No primeiro número: reforma agrária e movimentos contra exclusão social. Entrevistado: o líder dos sem-terra em Pernambuco, Severino Neto. Depois descobririam que a entrevista foi na verdade uma colagem de matérias e

entrevistas em grandes jornais e revistas com o Stédile(real líder do MST) e do Rainha(o mais famoso). E que Severino Neto nunca existiu. O segundo foi mais leve, tratava de futebol e do esporte como massificadores. Neste, uma entrevista com o Juca Kfourri e textos assinados por João Saldanha e Nélon Rodrigues. Claro, colagens bem feitas. E o que esperar do próximo, senhor diretor?

Nando na biblioteca pública pesquisa jornais da época. Espera encontrar algo interessante. Antonio, em casa, digita o editorial do ovelha. Pela primeira vez um editorial no Ovelha Negra.

“Razões óbvias forçam-nos a falar em ditadura. Nossos pais cresceram sob censura. Uns se rebelaram, outros aceitaram, alguns foram indiferentes. Mas nós, leitores do ovelha, somos filhos de uma geração que de tudo se protegeu, se guardou. Nós nascíamos e Ulisses Guimarães discursava pelas diretas já. Lula também. O rock brasileiro crescia com legião, titãs e paralamas. Inútil era o hino da época, cantado pelo Ultraje a rigor. E nossos pais preocupados em ganhar

dinheiro para nos dar de comer. Para nos educar numa boa escola. Nos dar o que eles não tiveram.

E este ovelha é dedicado a eles. Aos nossos pais.

Ousar lutar.

Ousar vencer.”

Relê o escrito. Gosta. Nando deverá querer mudar alguma coisa, como sempre. “Mas despedir-se do leitor com o lema do Lamarca foi jogada de mestre.” Orgulha-se Antonio. Salva o texto no computador, não imprime . Os pais não compraram a tinta da impressora ainda. Tempos difíceis. Desliga o computador, aguarda o processamento e desliga botão por botão. Busca a prancheta e vai ao arquivo público. Pesquisar é preciso. Mas com objetivo. É necessário encontrar reportagens envolvendo Cap. Marcelo ou o colégio Santa Joana. Com sorte, encontrará algo. Torce para que Nando tenha juntado material suficiente para ‘entrevistar’ Manoel Lisboa, um dos mais famosos líderes revolucionários desaparecidos. Trabalho jornalístico. Mas há tempo. Julho inteiro.

12

Érika passa o batom vagorosamente. Olha-se no espelho com a boca aberta, o batom alisando e avermelhando aos poucos seus lábios. Tampa o batom. Põe os lábios um contra o outro, retira o excesso na toalha de rosto. Mexe nos cabelos com as mãos, joga-os para trás. Decide sair do banheiro.

As luzes da boate se repetem em intervalos curtíssimos, deixando as pessoas como desenhos que passados repetidamente dão idéia de movimento. Parecem dançar. Érika pede passagem entre os colegas de turma. Formatura do terceiro ano na boate da moda. Nada de pais e família. Só jovens. Adolescentes querendo ser gente.

13

- Nando, temos que fazer algo. Digo: temos que divulgar isso. Todos no Santa Joana precisam saber.

Antonio parece impaciente. Não quer deixar Nando responder.

- Por que? É preciso. Você não entende? Isso tudo é uma farsa. Um farsa! Tudo forjado. Eu sei disso. Você sabe disso. Vamos colocar no jornal.

Antonio fala para si mesmo. Uma luta entre si e si mesmo.

- Eu me sinto traído, Nando! Eu chorei, Nando. Você me viu chorar. Quero vingança. Ou você está comigo ou está contra mim.

Nando resolve falar. Falar alto. Berrar.

- Eu estou com você não por vingança. É por que caímos juntos. E descobrimos juntos. Mas não é só isso que me

atrai. Quero sair daqui, Antonio. Quero rodar o mundo. Ser jornalista. Vou escrever algo sobre isso, depois te mostro. E agora ciau! Que não quero brigar com você hoje.

Nando consente com um aceno de cabeça. Cada um pro seu lado. Tomar o próprio caminho.

14

Elízio pede que se cale e saia da sala. Desafiar a autoridade do professor não se faz. Questionar seus conhecimentos já é pedantismo. Antonio levanta-se, busca a caneta. Dirigi-se à porta. Olhos fixos em Elízio. Cólera. A justiça é moral. A injustiça não. Foi apenas uma pergunta: o que é poesia? Pra que serve a poesia?

Saiu da sala com tanto ódio que esqueceu o caderno de anotações. Escrever não poderia. Uma aula inteira e mais os minutos restantes da aula de português para o recreio. Uma hora para encontrar a resposta.

Se não se engana, depois da sala dos professores do primário, no prédio antigo, fica a biblioteca. Hoje desativada. Informa-se melhor com Seu Zé, coordenador de pátio mais antigo do Santa Joana, prestes a completar setenta anos.

- Vai Ter festa, Seu Zé?
- Só se for no inferno, que faz setenta anos que num apareço por lá.

Seu Zé próximo da morte. “ Quando a biblioteca existia, antes do Dir. Joel mandar fechar, o colégio era movimentado. Faziam jornal, teatro. Aí, uma vez, os alunos fizeram uma greve. Ficaram todos presos na biblioteca, sem comer e sem assistir aula, até Dir. Joel aceitar Pedro Gentil de volta ao colégio. O menino tinha sido reprovado e expulso do colégio. Mas na verdade era filho de um inimigo do Doutor Joel... Bem. Ele aceitou. Acabou a greve. Quando o novo ano letivo começou, Gentil estava morando em outra cidade. Getúlio Batista, o mesmo deputado estadual de hoje, expulso. E Tetsu Iamamoto, o ‘Numsei’ expulso também. Ambos acusados de líderes. Dr. Marta Nery, bibliotecária, demitida. Tetsu teve aqui dia desses, conversou comigo. Trabalha com computador no Japão. Já Dr. Marta Nery morreu naquele ano mesmo, de desgosto. Tinha já setenta e sete anos. Lembro bem de tudo

isso, fim dos setenta's. 1979 para ser exato. Você nem pensava em nascer, Antonio.”

Uma biblioteca fez tudo isso? Jornal, teatro e até grve? Perguntas que luziam na mente de Antonio e que Seu Zé, não saberia responder. Não perguntadas assim.

“Depois a biblioteca reabriu. Colocaram a Prof. Odete, de geografia, como responsável. Mudaram uns livros. Mudaram algumas regras. Os alunos foram perdendo o interesse e a biblioteca acabou por fechar de vez, você sabe. Mas hoje é melhor, não acha? Você liga o computador e lê o livro que quiser. Vê a obra de arte que quiser. Visita qualquer museu do mundo. Hoje é melhor, sim.”

É verdade. Das vezes que foi à biblioteca quando criança, Antonio lembra pouco. Não no Santa Joana, que ele estudava em outro colégio. Lembra-se que a professora obrigava-os a ler um texto chato, alto, para todos escutarem. Antonio esforça-se para lembrar o nome. Graças a Deus, esqueceu. Procurar na biblioteca o motivo da poesia. Fazer isso. O motivo da poesia.

Seu Zé abre o cadeado, empurra a pesada porta de madeira. A brisa que de súbito entra levanta poeira e faz o ar circular entre as estantes. Antonio tosse, pigarreia, tosse mais uma vez enquanto anda na biblioteca. Pára. Por fim, espirra.

- Alergia, Seu Zé.

Seu Zé nem mais está ali. Foi devolver um aluno fujão à professora.

São duas fileiras de estantes completas de livros. Fora os desarrumados sobre o balcão e dentro de caixotes. Há ainda os jogados no chão por alguém que só precisou deles naquele momento. Antonio olha para a coleção da Barsa, completa. 16 volumes vermelhos. Na estante oposta, a coleção Vagalume. À esquerda, vários gibis. Um novo mundo descoberto. E carecendo de ser desbravado.

“Todas as revoluções sociais foram também revoluções artísticas.”

(Luís F. Veríssimo)

15

Nando pede a Érika mais emoção, mais voz. Que grite sem gritar. Que fale alto e claro. Repete a cena. Érika esforça-se, entona a voz. Ergue o corpo, coluna ereta. Postura de palco. Nando bate palmas, grita. Bravo. A adaptação feita por ele Nando da peça Liberdade, Liberdade, de Millôr Fernandes e Flávio Rangel, há de ser um sucesso. Nando está confiante. Continua a dirigir a peça. Olhos fixos em Érika.

Um texto dos anos setenta pode ser atual? Nando fez um trabalho de mestre. Rescreveu falas. Mesclou personagens. Claro, as frases do Millôr são insubstituíveis. Ele Nando acreditando no sucesso da peça. O Ovelha Negra vai divulgar. Marcos Viana já fez banners, colocou na página do Ovelha na internet. Os “Ovelhas” ensaiam o maior salto. Nando sonha.

Fernando Oliveira, quem sabe, tetrólogo e dramaturgo. Um caso raro de escritor e diretor. Quase o mesmo que cobrar escanteio e correr pra fazer o gol. Impossível. É melhor esquecer.

- Érika, está ótimo! Falta postura só. Postura.

16

Raíssa rasga o jornal na frente de Nando. Não vai ler aquilo. Depois joga para o alto os pedaços, dá as costas e sai. Alarga as passadas e em poucos metros está correndo. Para onde? Nando tenta segui-la com o olhar. Desiste. Continua entregando os exemplares do seu 'Ovelha Desgarrada'. Está no terceiro ano, turma de humanas. Preocupa-se apenas em fazer o jornal e estudar pro vestibular. Jornalismo. É preciso estudar, pois é o curso da moda. Assim como publicidade. Tudo quanto é faculdade está abrindo seu 'Departamento de Comunicação Social'. Mas Nando quer a Federal. Só pode estudar lá no centro de artes. Para estar ao lado dos pensadores, gênios, artistas, poetas, malucos e malungos do estado. Provavelmente, Antonio estará entre eles. Mas fazer o

quê? Não se pode negar a personalidade de Antonio. É melhor pensar em outras coisas.

O convite pra escrever para 'O Pernambucano' é uma boa. E se Antonio aceitar também? Antonio. Antonio. Ele sempre no pensamento. É melhor continuar assim, uma ovelha desgarrada. E solitária. Estudar para o vestibular. O vestibular está chegando.

Uma aluna aparentando ser da sétima série pára em sua frente. Puxa um jornal e foge. Nando no impulso vira-se. Derruba os jornais restantes no chão. Agacha-se. Recolhe um por um. Ao todo, trinta. De cem, restam trinta. Pouco para o criador do 'Ovelha Negra'. Mas ao menos há quem se passe por ladrão para ler o que ele escreveu. Ainda fica alegre de pensar assim. No entanto, busca mais. O 'João' de Antonio está até em banca de jornal. Cinquenta centavos. "Se fosse o 'Ovelha Negra' estaria por um real." Reflete. Ódio de Antonio. Brigar por "amor". O que é o amor aos dezesseis anos de idade? Adiantou? Érika esqueceu ambos. Diverte-se

hoje com os colegas da universidade. “Érika que se exploda com Antonio junto” Ira-se.

Junta todos os jornais restantes, entrega tudo a um aluno que passa. Pede para distribuir. Se conseguir algum dinheiro pode ficar. O garoto, oitava série talvez, agradece. Diz que também gosta de escrever e ler. Nando sorri falso e despede-se. Diz estar parindo uma idéia e parto é sempre parto. Dolorido. Bastante.

NEM TANTO PARA REVIDAR. Desferiu o murro para vê-lo sangrando. O líquido vermelho saindo das narinas. Grosso, encorpado. Quase espumando. Antonio passa as costas da mão na boca, respira fundo. Sangue nos pulmões. Parte para cima de Nando para quebrá-lo, matá-lo. Cólera é o que sente. Só assim devolve-se a imundície de alguém. E para um traidor só a morte.

Nando gira rápido e acerta um chute na barriga de Antonio. Este recua, escapa um pouco. Fica em posição de ataque. Nando então cospe-lhe na cara. No desespero, Antonio pula com as duas mãos no pescoço de Nando. Deixa-o sem reação. Ele tenta respirar, está difícil. Antonio aperta as mãos, faz peso com o corpo. Fita os olhos de Nando. Solta a mão e esquerda e atinge o rosto do ex-colega. Nando desfalece. Antonio ainda atinge-o com mais um soco para perceber. Pânico. Tenta despertá-lo com tapinhas no rosto. Sente o pulso, o coração responde. Súbito, um soco no queixo o derruba. Nando levanta-se, cospe-lhe mais uma vez (nesta com bastante sangue). Salta em cima. Surgidos do nada, Gilson e Marcão, seguranças pessoais do Dir. Joel, os separam. Seguram forte, é ódio.

João Alberto diz não acreditar no que vê: “Dois homens. Os dois com dezessete anos. Dois bons alunos. Vocês marcaram briga? Isso não foi briga não, foi rinha. Então me digam, vocês que são jornalistas, o que é rinha? É briga de

galo. De animais feito o galo. Dá nem pra acreditar. O que os pais de vocês vão pensar? Quero saber. Agora”

Antonio permanecia segurando o algodão no nariz, olhar para o lado, displicente. Nando encarava os olhos de João Alberto com raiva, cólera.

Veio a sentença:

- Os dois vão varrer e lavar as salas do terceiro ano. De cada terceiro ano. Só saem daqui quando terminarem. Ou então suspensos. Ou até expulsos, conhecem o Diretor Joel.

Antonio balançou a cabeça afirmativamente, ainda sem acreditar que era consigo. Nando disse não. Diante da total indiferença do coordenador, voltou e aceitou. Acabaram saindo juntos.

- E quero os dois na mesma sala sempre! Nada de separação!
-
-

17

Nando confere as cópias, cem no total. Não atingirão tantos alunos assim. É preciso então entregar para as pessoas certas. Ele então conta nos dedos alguns professores: Elízio, Mauro, Tomás, Dra. Josefa, Cláudio, Lívio.... você tem mais alguém, Antonio?

- Não sei se vamos chocar, Nando. O pessoal do Santa Joana só se comunica pelo mirc. Não sei. E por mim não entregava a professor nenhum.

Antonio na verdade estava tímido. Feliz também, mas com medo de ser. No entanto a idéia de ser lido é arrepiante.

- Deixa pra lá, Nando. Você que vai entregar mesmo. Começa pelos alunos do terceiro ano.

O primeiro ovelha.

18

A psicóloga pediu demissão. D. Josefa não aguentaria mais tanta humilhação. Rebaixada ao ginásio acusada de “práticas subversivas”. Não se faz. Isso não se faz.

Ao Diretor Joel Marcelo,

Peço demissão não por temê-lo. Apenas quero estar longe de você para sempre.

Josefa Coutinho

Professor Cláudio também preferiu sair.

Diretor Joel Marcelo,

Corre em meu sangue o vermelho que a ditadura derramou covardemente. Diante dos fatos, e contra fatos não há argumentos, o Senhor é culpado. Estou fora.

Cláudio Almeida Lisboa

Professor Hirada, Professora Cândida, Carlos Santos do ginásio. Maria Clara, a secretária. Todos demitiram-se. Desistiram de conviver com um torturador. Assim que os jornais anunciaram a lista dos julgamentos, lá constando o de Joel Marcelo, pediram demissão. Alguns alunos pediram transferência. O “Ovelha Negra” já havia previsto.

Na outra semana, Diretor Joel já havia recomposto o quadro. Com profissionais, com o ele mesmo repetiu ao apresentá-los aos funcionários. Encarregou D. Marta, professora do primário, de comandar o SOE enquanto não encontra a pessoa certa.

A verdade é que o processo não deu em nada. Apontou-o como culpado, sim. Entretanto a justiça não pode

prendê-lo. São milhares e milhares de leis, códigos, jurisprudência, doutrina que propõem situações várias. E ela, a justiça, escolheu a mais apropriada a um oficial daquele período: a anistia. O perdão.

“Sempre acorda angustiado e apressado você vai pra rua. Mas mesmo assim acordado o pesadelo ele continua.”

(Marcelo Nova)

19

Nando, entre lágrimas e lembranças, tenta escrever. Borra um pouco, apaga com o dedo. Escreve por cima. Palavras doloridas não se entregam fácil. Elas relutam, até por que se agarram onde podem – algumas no coração – e isso dificulta.

“Não sei quando começou. Não lembro. Sei que tinha medo quando o via. Então vivia trancado no quarto. Chegava do colégio e me trancava em meu quarto. Mainha levava meu almoço. Perguntava se estava tudo bem. Eu dizia que estava com um livro novo da biblioteca. Mas aqui no Santa Joana

nem biblioteca tem. E sempre que podia ficava no quarto o dia inteiro. Às vezes ele ia em meu quarto, me desejava boa noite. Quando isso se repetia seguidamente eu ficava confiante e ia para a sala, assistia TV. Até que ele chegava e me batia de repente e dizia pra eu ficar calado. Mainha apenas perguntava por que. Ele dizia que a culpa era minha. Então desisti de ir pra sala. Passei a ficar sempre em meu quarto. Pedi uns livros emprestados à senhora, lembra? E peguei uns na biblioteca – um dia devolvo. Li tudo. De vez em quando ele ainda entrava lá no meu quarto só pra gritar e me acusar. Dizia que mainha e ele brigavam por minha causa. Por que eu nasci. E que meu colégio era caro demais que eles não podiam... Eu chorava e ele me chamava de frouxo. Um dia eu escutei ele bater em mainha. Empunhei meu canivete, torci pra ele entrar em meu quarto. Ele não entrou. No outro dia no café da manhã eu disse que não queria mais olhar pra ele. Ele me bateu na cara. Joguei café quente nele. Antes dele me bater de novo, mainha apontou uma faca pra ele e mandou-o embora. Sumiu. Meses depois minha mãe descobriu: ele estava preso. Não quis me

contar o motivo. Eu citaria vários... Faz dois anos, eu era sétima série. Foi quando tive as melhores notas.”

Amassa a folha com raiva. Depois desamassa e entrega a Dra. Josefa assim mesmo. Qual a culpa? Ainda sente aqueles tempos com ódio.

20

Érika beija Nando. Na boca. Só um selinho. Mas demorado suficiente para deixá-lo nas nuvens. Depois ela sorri, acaricia-lhe o rosto. Ele estático ainda. Érika o beija novamente, desta vez com mais força. Abocanha Nando. Ele responde, sem jeito, tenta segurar o corpo esguio da garota mais velha. Abre os olhos para acreditar. É verdade. Érika o beija intensamente, de olhos bem fechados. De repente ela o larga, ouve-se o estalo.

- Desculpe, Nando. Não resisti. Mas foi a melhor maneira de te agradecer. Gostou? – Érika mantém o sorriso nos lábios. Nando fica sem resposta. Decide então beijá-la para acabar com aquele embaraço. Ela segura-se nele pelo pescoço. Desta vez, ele interrompe.

- Foi a melhor maneira de responder.

Érika abre um sorriso, os dois buraquinhos em suas bochechas agora rosadas denunciam a timidez presente.

- Vou Ter prova agora. Só vim aqui por isso. Obrigado por tudo, Nando. – E despede-se com um beijo de longe, soprado pelo vento.

Nando bem deseja um outro beijo. Milhares deles. Um namoro, quem sabe. Seria melhor. Mas Érika na faculdade deve ser muito paquerada. Linda do jeito dela. Quem sabe depois...

21

Érika rói as unhas do lado de fora do colégio. Ela e praticamente todos que esperam a abertura dos portões do Santa Joana com o listão do vestibular das federais. Pelos seus cálculos, de acordo com o gabarito oficial, deverá ficar com média sete. Pouco para quem tentou medicina. Pouco para a melhor aluna do Santa Joana

Celeste está tranqüilo, conversa com Mauro Fontes, que também espera ver o próprio nome no listão.

- Professor, o que o senhor acha?
- Celeste, tu fostes primeiro lugar sim. Não se preocupe. Com a tua nota da primeira fase eu era primeiro lugar também... – Mauro ainda falava quando alguns garotos já de cabeça raspada desceram do carro e pegaram Celeste.

Seguravam-no com força. Alguém mais atrás trazia uma lâmina de barbear.

- Primeiro lugar tem que ficar com a careca azul. – repetia Thiago Torres, representante do terceiro exatas. Celeste apenas sorri, e depois da primeira laminada, não adianta mesmo fazer força.

De repente, correria. Os seguranças abrem os portões. Celeste ainda sem acreditar, pede a Nando e a Antonio que o levatem. Quer confirmar o resultado. No caminho recebe tapas de parabéns, aperto de mãos, abraços. Acabaram de noticiar na rádio: Augusto Celeste, primeiro lugar geral. Aluno do Santa Joana. Coord. João Alberto o abraça longamente, depois diz que há um presente o esperando. Antes de dobrar e chegar na quadra, Celeste percebe uma garota com a cabeça entre as pernas, desolada, sentada num dos bancos mais escuros da quadra.

- Érika? – Não precisava perguntar, já tinha entendido. Ela passou a chorar mais forte. Celeste abraça-a forte, dá o ombro. Nando e Antonio observam, depois aproximam-se

- Celeste!? Precisamos conversar. – Diz o diretor Joel assim que o vê. A mãe não se contém e abraça o casal, diz que está muito feliz e orgulhosa e que e que... O pai apenas sorri intimamente, permanecendo do lado do diretor. Érika retribui o abraço da mãe e cochicha alguma coisa rapidamente em seu ouvido. A mãe convence os dois homens a se retirarem dali.

Érika tenta secar as lágrimas que insistem em cair. Celeste levanta-se. Puxa Érika e a conduz pela cintura para um banco no pátio da cantina. A iluminação é pouca. É noite e as árvores do Santa Joana Antigo colaboram para o clima taciturno.

- Parabéns pelo primeiro lugar. Você merece. E obrigado por estar comigo agora. – Celeste apenas escutava e fazia cafuné

nos seus cabelos. – Poxa, eu estudei minha vida inteira pra fazer medicina. Meu pai me diz isso desde eu criança. Mas sei lá, na hora da prova o meu pulso tremia. Errei besteira, coisa que eu sabia. Marquei gabarito errado. Rasurei. Estou triste. Muito triste.

22

- O que você acha, Nando?
- Nada. Não podemos fazer nada.
- Mas podemos usar o 'Ovelha'...
- O 'ovelha!?' Exploda-se o ovelha! Foi crime de vingança, Antonio. O seu professor queridinho foi lá no interior e matou esse tal de velho Brito. Aí o filho do velho matou o professor. O que podemos fazer?
- Mas não é o que os outros pensam. A biblioteca vai se chamar 'Professor Antonio Candido'. Você quer isso? Depois de tudo que a gente fez?
- Se você mudou sua opinião sobre o professor, eu não mudei. Ele nos ajudaria se estivesse vivo. E além do mais não sabemos por que ele resolveu matar o velho.
- Vingança, ora. Vingança. E eu, agora, quero me vingar.

- Mas não é hora de tornar isso público. Minha matéria sobre o enterro você não deixou sair. Agora não deixo sair a sua. Estamos quites. E o ano está apenas começando. E estou mais preocupado com o vestibular.
- Mais uma coisa, tem tido notícias de Érika?

“O homem sensato se adapta ao mundo; o insensato insiste em tentar adaptar o mundo a ele. Todo o progresso depende portanto do homem insensato.”

(George Bernard Shaw)

23

Não se falam mais. Dia desses, foram pegos brigando, atracados, lá no primário. Era um Sábado de aula só para o terceiro ano, resolução de questões de vestibulares. E os dois brigando. Quem muito briga muito se gosta. Verdade. Maior verdade de fato é o Santa Joana não ser mais o mesmo. Juntos, eles fizeram revoluções. Tudo começou com um jornal caseiro “Ovelha Negra”. E agora o Santa Joana tem teatro, rádio, tv. A biblioteca será reinaugurada, desta vez com auditório que vai servir como cinema também. Cultura e Participação era o lema.

Nando agora faz sozinho o “Ovelha Desgarrada”. Antonio faz o “Joanão”, ajudado por alguns alunos de séries anteriores. Um completaria o outro. Embora o “Joanaão” seja mais sincero. Faz mais jus ao lema ‘cultura e participação’. E aos poucos Antonio deixa a responsabilidade para os mais novos. Já Nando não mede esforços para vender seu jornal. Inclusive lançou edição especial do “Ovelha Desgarrada”: tudo sobre a morte do Prof. Antonio Candido. Dossiê compelto. Talvez por isso eles brigaram da última vez. Antonio não permitiria facilmente. Coord. João Alberto proibiu os jornais de circularem sem antes serem lidos pessoalmente por ele. Censura.

De qualquer forma o vento sopra. É agosto e o vestibular se aproxima. Nando tentará jornalismo. Antonio, letras.

*“Eu serei o juiz e o júri,
diz Fúria, o ladino,
’Julgarei sozinho este caso
e te condenarei à morte.”*

Lewis Carrol, Alice no País das Maravilhas

24

Desacelera o carro. Freia-o mansamente em frente ao portão de casa. O portão não obedece totalmente ao comando do controle remoto, apertado insistentemente desde o início da rua. Desce do carro para abrí-lo. Uma paulada o atinge na nuca. Desmaia.

Abre os olhos e só vê escuridão. Pensa estar sonhando, mas as mãos algemadas atrás do corpo o impedem de limpar os olhos. Escuta vozes. Retiram num golpe rápido a venda e

põem uma lanterna em sua frente. Cegueira momentânea. Um tapa do lado direito do rosto o enerva, deixa-o vermelho.

- Diga as senhas, rápido! – Grita alguém. Talvez o mesmo do tapa.
- Você vai morrer hoje, entendeu? Hoje. Diga logo se quiser viver mais um pouco! – Diz uma outra voz

O cheiro de álcool é forte em todos os bafos. Apagam a lanterna e a vista aos poucos melhora. Alguém brinca com um isqueiro zippo no banco do motorista.

-BB 030459 CEF 0920

O professor Antonio Candido falou assim que se lembrou. Depois tentou conversar com os bandidos. O carro já estava em movimento outra vez.

- Vocês sabem que à noite não se saca tanto dinheiro. Eu faço um cheque. Assino. Meu relógio vale muito dinheiro... – Nenhum dos três falou nada. O motorista mandou que se calasse. Súbito, um outro tapa o atinge no rosto.

- Só queria sentir o gosto. - Explicou Júnior Berimbau. O mais novo do grupo. Mas aí o motorista parou o carro bruscamente, sacou um revólver e disparou em seu braço. Disse que teve sorte. Mandou-o descer e sumir. Depois se acertariam. Assim que berimbau desceu, arrancou o carro na escuridão.

Professor Candido assustado. Levado para o lixão de Olinda. Local de desova predileto, pois os jornais fazem cobertura diuturna lá. As mãos algemadas atrás do corpo. Dois homens encapuzados na frente do carro. O acompanhante permaneceia mudo. De repente, retira o capuz e encara Antonio Candido.

- Pensou que ia ficar vivo, Candido? Você mata minha família e acha que vai continuar sua vidinha de professor aqui na cidade? Atira em mim e acha que vai ficar vivo? – Indagava com ódio.

- Eu só fiz o que tinha de fazer. Você também matou os de minha família. – Respondeu incrivelmente frio o professor.

- Você é da cidade. Não devia se envolver. Teve a chance que eu e os outros não tivemos.

Qual honra exige a morte do outro? Honra se lava com sangue. Isso é mais antigo que andar pra frente. Muito usado no interior. O pai de Candido é de lá. Da família Candido. Em Camaracá só tem duas famílias: os Candido e os Brito. Há rixa. Disputa por terras, política, tráfico. Mataram o pai de Antonio numa emboscada, ele só foi no interior visitar a família. Inocente. Covardia pura. Então Antoino resolveu fazer sua justiça. E agora Fábio Brito faz a dele. Cada justiça na sua vez.

- Atire no peito pra acabar logo. Quero que ele morra olhando pra mim.

Professor Antonio Candido não reage. Estufa o peito como que vai receber uma medalha, uma condecoração. E na verdade é, para um homem honrado.

“Pra tudo conte comigo. Basta estar vivo pra correr perigo.”

(Itamar Assunção)

25

Nando telefona para ‘O Pernambucano’. Denuncia um crime: um homem morto com um tiro no peito, dentro de um táxi roubado. Local: Rua Zico, antiga rua Silva Pontes.

- ... e a rua Silva Pontes mudou de nome?
- Mudou. Agora chama rua Zico.

Antonio já estava engilhado de tanto suar naquele carro. Um táxi arrumado de última hora. O taxista ainda não tinha atinado com as idéias de Antonio quando respondeu que toparia em troca de uns trocados(vinte reais) alugar seu carro. – e nem vou gastar gasolina! – pensou, alegre. O veículo ostentava arranhões, amassos, vidros trincados, ferrugem. Só

pode ser esse, pensou o repórter ainda em seu auto de imprensa. Já desceu dele fotografando, o coração, aos poucos, acelera. O taxista tomando café na esquina observa. Nando surge e joga uma pedra no carro, no que o taxista vê e parte em sua direção. Antonio obedece o sinal e levanta-se, assusta o repórter que ainda fotografava. Nando corre para fugir do taxista. Este desiste, remunga para consigo. Antonio entrega o 'dossiê Antonio Candido' ao repórter, depois vai atrás de Nando. O repórter fica atônito. Entrou mudo e vai sair calado. Olha para seu motorista, que dá de ombros e sorri sem graça. O repórter responde, entra no carro e segue destino. Ali próximo acontecia um sequestro relâmpago, captado da frequência policial.

Rua Zico. De onde saiu essa rua zico? Só Nando, apaixonado pelo flamengo, para inventar isso. O crime da Rua Zico. Só um jornal ralé feito 'O Pernambucano' para publicar uma matéria sem analisá-la antes. – Eles escreveram, não,

copiaram quase tudo o que eu e Nando fizemos. Até os erros estão aí, os mesminhos. – Antonio larga o jornal em cima do centro da sala. Mostra aos pais. Depois levanta-se e vai ligar para Nando. Falar com Nando. Se interessar novamente por ele. No fim de tudo, resta Nando.

26

Greve nas universidades federais. Érika indigna-se. Tanto choro e esforço para descobrir ser apenas o começo. Primeiro entraram os funcionários. Depois, os professores sentiram segurança e entraram. Ela resolve pedir ajuda aos “meninos”. Se a imprensa é o quarto poder, que seja agora mais ainda.

9:00hs. Érika encontra Nando distraído, sentado na arquibancada da quadra externa. Sopra em seu ouvido. Ele fecha os olhos, fica todo arrepiado. Já sentira antes, o coração, aos poucos, cede a um sentimento maior. Érika então abraça-o, beija-o no rosto. Ele retribui. “Como você está?”, perguntam ao mesmo tempo. Depois sorriem em sincronia.

- A faculdade está em greve. Vim pedir a sua ajuda.

Nando não entende como pode ajudá-la.

- Sei lá! De repente você e o Antonio poderiam...
- Não nos falamos mais. – Nando responde irritado. – Está vendo estes roxos no meu rosto?! Nós brigamos Sábado passado. Feito galos, como disse o João Alberto. Estou pensando em sair daqui...

Érika tenta organizar as informações. Nando sem Antonio. Antonio sem Nando. Pior. Deram pra brigar. Batem-se. Olha para Nando que olha o chão. Abraça-o novamente, desta vez de lado. Ele deixa-se embalar, Érika não pergunta mais nada. Cadê coragem? Nando arrasado. Nando querendo desistir. Justo Nando. Por que Nando? E Antonio? Como estará Antonio?

27

“Nando: Fernando Menezes Albuquerque. Pai falecido. Mãe viúva e solteira. No Santa Joana desde os dez anos, na metade da quinta série. Ele inclusive reprovou a quinta aqui. Vai ver não se adaptou de pronto à mudança. Contudo, não reprovou mais e vem merecendo destaque. Pela primeira vez em uma turma A . Justo no segundo ano, perto do vestibular.

Não faz amigos com facilidade. Bastante introspectivo. Tem briga registrada na quinta série, na sexta e na sétima. Sempre com garotos maiores e com fama de brigões. Sempre foi provocado e reagiu violentamente. Esses casos, a Dra. Amanda Régis explicou assim: É como se ele acumulasse as humilhações sofridas até explodir. Por isso ele conseguiu bater em garotos bem mais fortes do que ele. E se recusava a parar.

Na oitava série passou sem brigas. Foi o melhor aluno de português da sala B. A mesma psicóloga traçou-o assim: introspectivo, meticoloso, frio, paciente, calculista, objetivo, irascível e muito inteligente. Inconformado e reacionário.”

Então o Dir. Joel parou a leitura do relatório para rir. – Danou-se! Parece mais um líder de guerrilha – Falou alto para si mesmo. Depois retomou a leitura mais compenetradamente, como se algo houvesse despertado em sua mente.

“ Na oitava série chegou a ser suspenso por dois dias, pois olhava a parede durante as aulas de matemática. E incrivelmente passou por média na matéria. Como não tinha amigos, não foi fila. Outra vez discutiu com a professora de geografia. Foi mandado para o SOE. Discutiu com o de inglês, para o SOE. Com o de história, SOE. É o aluno do Santa Joana com mais idas ao SOE. Somam, em seis anos mais ou menos, trinta e duas. Dezoito desde a oitava série.

Ganhou por dois anos consecutivos o prêmio de melhor redação, na Sexta e na sétima. Na oitava, o tema era

“O tempo não pára”. Nando participou com a redação Quinze Anos. Foi escolhido para representar o colégio no concurso nacional de redações. Recebeu menção honrosa.

Desde que começou o jornal está fazendo amigos. Conversa um pouco mais. Até com o pessoal mais velho está se dando bem.”

Após a leitura, pede a opinião do supervisor Andrade, o que escreveu o relatório.

- Acho o jornal um instrumento perigoso. Esse Nando se acha muito importante, muito sabedor de tudo. Mas escreve bem demais. E mesmo sendo fechado é querido no colégio.

Dir. Joel passa a ler o relatório sobre Antonio.

“Antonio Vieira Barros Neto. Pais vivos e bem casados. Caçula de três filhos. Todos homens e ex-alunos do Santa Joana. Eram bons alunos. Estuda no santa joana desde o jardim, mora bem em frente ao colégio. Sempre foi da turma B . Porém, nunca foi primeiro da turma em nada. Nem

mesmo destaque. Embora seja sempre requisitado para resolver questões. Bom em matemática. Melhor em português. Mais ainda em literatura. Duas vezes ficou em segundo lugar no concurso interno de redação(perdeu em ambas para Nando). Na oitava mostrou-se rebelde. 'O tempo não pára' era o tema. Escreveu isso: O t-e-m-p-o n-ã-o p...á...r...a parou!"

No primeiro ano, foi expulso de sala pelo professor Elízio., de português. Elízio disse que perdeu a paciência, mas Antonio era o aluno de que gostava mais. Disse em uma reunião de professores: 'Antonio será alguém na literatura. Ou crítico ou escritor. Isso nem ele sabe.'

A partir do primeiro do médio passou a frequentar a psicóloga periodicamente. Quase toda semana. O engraçado é que nunca foi obrigado, sempre marcava consultas espontaneamente. Antonio não é tímido, quando é pra falar o faz com desenvoltura. Mas é introspectivo e às vezes sombrio. Durante o recreio sempre está acompanhado. Até com Marcos Viana ele conversa. Mas são amigos de infância.

Depois do jornal passou a ser mais requisitado, procurado. Principalmente pelas meninas da sexta e da sétima série. Deve Ter ´ficado` com metade delas.

É sempre visto em bibliotecas, livrarias, arquivos, sebos. Sempre com um livro na mão. A idéia do abaixo-assinado para construção de uma nova biblioteca partiu dele. Outro ponto relevante: Antonio era muito amigo do professor Antonio Candido. Muito amigo também do Augusto Celeste. Os três andavam juntos rotineiramente, embora a diferença de idade. Tem a idéia fixa de se tornar professor. Todos sabem sua preferência no vestibular: letras.”

Dir. Joel fica sério um tempo. Decide guardar os ´dossiês´ em seu cofre. Pede para escutar o supervisor.

- Foi fácil levantar Antonio. Estuda aqui desde sempre. Todos o conhecem. As professoras do primário dizem que ele é um gênio relapso. Preguiçoso.

O diretor parece abismado. Tem dois gênios como inimigos.

- Eles levantaram o meu passado. Como, até hoje não sei. Jornais, claro. São muito perigosos. Quero-os do meu lado. – esbraveja para o supervisor. – Mas esse jornal tem que acabar de todo jeito.
-
-

28

Marcos Viana se põe a pensar na vida. Na vida própria. Aniversário de dezessete anos. “Feliz Aniversário, Marcos” alguém disse? Uns tomates!! Apenas Antonio o foi abraçar. Mas também, alguém, fora Antonio, sabe da data? Marcos contou a alguém? Umas ovas! Quem se interessaria? “ Marcos Viana fazendo aniversário, grande coisa” estão dizendo os que agora já sabem. Talvez na volta do recreio o professor peça para cantarem parabéns. No entanto, alegrará? Será verdadeiro? Não, não será. Cantarão como contaram certa vez para ‘Sheik’, o viralata de Anemocol, o porteiro. Talvez até com menos entusiasmo, pois ‘Sheik’ é querido por todos.

Raíssa se aproxima por trás, fosse pela frente ia dar-lhe um susto do mesmo jeito. Marcos Viana está em ‘alfa’ mesmo. A garota tampa-lhe os olhos com as mãos. Pede que

adivinhe quem é. Fosse uma voz masculina, diria o nome de algum colega antigo. No entanto, voz de mulher não faz a menor idéia, nenhuma.

- Soube que é seu aniversário hoje?- Ela disse ao pé do ouvido.
- Quem te disse?
- O vento.
- Você é amiga do vento? – Pergunta Marcos já com o coração na boca, quase entre os dentes.
- Do vento e dos pássaros.- Respondeu Raíssa.
- Mas essa frase é minha. – conseguiu falar mesmo mastigando o coração. – Quem é você.

Raíssa deixa-o vê-la. Ele ainda ainda sentia o choque da luz quando recebeu o beijo na testa e um “feliz aniversário”. Marcos enfim a reconhece: “Raíssa! Nunca imaginei... você está bonita” – ser tímido é fogo, sempre economizando palavras. - Ela sorri, afaga-lhe o rosto.

- Meu primeiro beijo foi com você – recorda Raíssa.

- O meu também foi seu. Mas muito antes de você se tornar modelo. – devolve Marcos em tom agressivo.
- Mas estou de volta. A vida de modelo não é pra mim, não. Só comerciais e fotos, no máximo.
- Que série? – Poxa, só consegue perguntar isso: que série? Pergunta sobre o Japão, os EUA, a Europa. Se todas as modelos são lindas igual a ela.
- Segundo. Acabei perdendo um ano nessas viagens. Vai ficar aí mesmo?
- É. Primeiro dia de aula. – Sem jeito. Trava a língua. Poderia dizer que primeiro dia de aula é um saco. Mais: que fazer aniversário nesse dia é um saco, pois não tem chance de ninguém se lembrar.

Ela permanece fitando-o com seus belos olhos castanho-esverdeados encravados num rosto esguio coberto por vasta cabeleira ruiva. Linda. Uma mulher. Essas viagens só fizeram bem. Deve ser o ar europeu. Ou japonês. Nos EUA o ar é poluído. Não importa, Raíssa está linda. E de volta.

Marcos fica admirando-a uns instantes em silêncio. Ela apenas com um sorriso desenhado nos lábios. De repente, Marcos dispara.

- Nunca mais beijei de novo, sabia? Você foi minha única namorada. Se chegou a ser. Senti muito a sua falta. – fala amargurado, como quem desejava estar feliz.
- Foi na sétima série. Tínhamos treze anos. Você foi meu primeiro namorado também. Mas que destino? Fui desfilando e recebendo convites pra desfilarmos mais até que tive que viajar. Realizei meu sonho. Também senti sua falta. Me senti muito só. Não se faz amizade quando se é profissional. Por isso eu desisti. Quero ser normal.

Marcos então a abraça. Alisa-lhe os cabelos de fogo. Depois relembra o começo do namoro. Os telefones pra casa dela, os poemas do Vinícius, as cartas, as flores. Ela ri e diz que acredita que ele realmente não tenha mais beijado ninguém: “enrolado do jeito que você é. A gente só começou a namorar por que eu te beijei.” Ele fica sem graça. Depois esquece, e tenta recitar o poema : sou amigo do vento e dos

pássaros. Não se lembra. Desiste. Raíssa então beija-o na boca. Longamente. Depois, separa os lábios.

- Você ainda treina com seu braço? – pergunta ela, ironicamente.
- Por quê?
- Continua beijando muito bem. – Responde e beija-o de novo. Enquanto, de longe, Seu Zé relembra os tempos de garoto.

29

Nem foi tanto tempo assim. Dez anos. Que importa? Está de volta. O mesmo, a juventude permanece. Vinte e oito anos. É muito pouco para o resto de uma vida aprendida aos rodos, com os amigos mais velhos do Santa Joana. Quinze anos estudando no mesmo Santa Joana. Sempre o garoto prodígio, a promessa do colégio. E agora de volta, como professor. Do lado exemplo. Poderia ser médico, a dvogado, até astronauta, quem sabe? Mas fez vestibular para letras. Dominar a arte da escrita. E como responder caso algum aluno o indague: que valor tem a poesia? A mesma pergunta que o fez ser expulso da sala pelo prof. Elízio durante o primeiro ano. Que valor tem a poesia! Descobriria ainda naquela manhã, entre poeira e teias de aranha que escondiam os livros da biblioteca desativada.

Ser professor. Escolher ser professor. Por que você é professor? Você que ser professor mesmo? Letras? Faz mal não, depois você faz outro curso. Isso foi opção, letras? Ou foi só pra dizer que é universitário? Só pra dizer que está na federal?

Anos a fio superando tudo, passando por cima de tudo, para retornar ao colégio culpado. Por vingança, vontade de corrigir erros antigos, de dar aos novos algo que ele Antonio não teve do Santa Joana quando aluno. Então terá sido apenas esse o motivo do regresso: buscar algo que o Santa Joana lhe deve. Mesquinho. Bastante mesquinho. O mesmo fundador do “Ovelha”, do “João”, o recriador da biblioteca, primeiro lugar no vestibular para letras, o escritor premiado nacionalmente não pode ser assim tão egoísta, assim tão fraco. Em todo retorno há um motivo. Um bom motivo.

O diretor entra no terceiro ano humanas para apresentar, com muito orgulho, o novo professor de literatura. Que é ex-aluno do Santa Joana, escritor de renome nacional, crítico literário ...

Dois alunos conversam na geral:

- Disseram que ele recusou uma proposta do exterior para ensinar aqui.
- Ele veio foi reviver o Santa Joana. Inspirar-se. E, Ériko, dessa história sai um livro. Um romance.

POSFÁCIO DA SEGUNDA EDIÇÃO

Quando você publica um livro(não quando escreve, quando publica) você nunca sabe onde ou o quê isso vai gerar. Que reações irá causar. Não sabe quando. Mas vale a pena esperar. A graça de publicar um livro é aguardar essa reação. É isso que motiva a republicação: a esperança de poder causar, ainda, depois de tanto tempo, algumas reações.

CONFISSÃO

Meu crime ainda mora na Rua Zico

Quem por lá passa me vê fugir, me vê morrer.

Meu corpo ainda agoniza na Rua Zico

Eu matei a mim mesmo por vingança e covardia.

Na Rua Zico reside meu tormento,

Minha glória, minha agonia,

Minha justiça,

Meu crime.

Na Rua Zico eu cresci.

Na Rua Zico

Eu morro-vivo.

(Dodô)

